

BERTI, ENRICO – *Aristotele, Eubulo o della ricchezza. Dialogo perduto contro i governanti ricchi*. Autentico falso di Enrico Berti, Napoli, Guida, 2004, 96 p.

VEGETTI MARIO – *Platone, Repubblica Libro XI, Lettera XIV. Socrate incontra Marx; lo Straniero di Treviri*. Autentico falso di Mario Vegetti, Napoli, Guida, 2004, 56 p.

Aristóteles realmente escreveu um diálogo intitulado Êubolos, em que, parece, tratava da riqueza, mas o *Êubolos* concebido pelo prof. Berti é uma falsificação porque é uma reconstrução livre. Quanto a Platão, todos sabem que sua *República* tinha dez livros, não onze; e além disso foram atribuídas a Platão treze, e não catorze cartas. Com estes dois trabalhos estamos, portanto, no reino da pura fabulação (ou *fiction*). No que concerne aos meros dados editoriais, vala a pena acrescentar que os dois volumes saíram em uma coleção dirigida (e, sinto dizer, idealizada) por Giovanni Casertano, Neste caso foram publicados dois reconhecidos mestres da filosofia antiga na Itália, ainda que em um projeto que poderia ser conside-

rado uma brincadeira, somente uma brincadeira: tentar imaginar um encontro entre Sócrates e Marx que, de alguma forma, possa ser inserido na moldura da *Repubblica*; ou então tentar escrever um diálogo de Aristóteles que não chegou até nós, o que significa inventá-lo do começo ao fim. O editor informa ainda que entre as outras “falsificações autênticas firmadas” em preparação há uma falsificação de uma obra de Marx sobre a luta de classes nos campos nocerino-sarnese¹, uma falsificação de Torquato Tasso, uma falsa Safo, e talvez – imagino – um falso

¹ N.do T. Nocerino refere-se a Nocera, cidade da região da Úmbria, próxima ao rio Sarno (daí sarnese).

Dostoiewiski e um falso Nietzsche, um falso Heidegger e um falso Wittgenstein. E tudo isso obra de autênticos profissionais, grandes conhecedores de um ou outro autor, como claramente o são os dois estudiosos já publicados. Deve-se admitir que a situação é curiosa, mas não encoraja a fazer prognósticos do que poderá sair disso tudo.

Em compensação, agora podemos ver alguns resultados. E vemos logo que aquela do professor Berti é uma idéia feliz: ele tentou escrever um diálogo de Aristóteles partindo da constatação que estamos longe de poder traçar um quadro da troca de idéias entre os personagens colocados em cena por Aristóteles, neste ou naquele diálogo, porque sobre essas obras dispomos de informações demasiadamente pobres. Berti tentou assim inventar um diálogo, ainda que com ténue apoio de poucos e reticentes testemunhos, e imaginou que, nos tempos do velho Platão, se organizassem, de tanto em tanto, simpósios de alto nível para os membros mais respeitáveis da escola.

Lemos então que Aristóteles, na figura do personagem principal do diálogo, começa dizendo: “Neste ano, caros amigos, cabe a mim organizar e presidir o tradicional simpósio da nossa escola. Não sei se será tão interessante como aquele, organizado há alguns anos pelo nosso mestre, Platão, sobre sua doutrina das idéias, nem igualmente interessante como outros que lhe sucederam”. Segue uma garbosa descrição dos lugares, dos personagens, da figura de Êubolos e do tema: se os governantes são demasiadamente ricos, se possuem, ou quae, o monopólio dos espetáculos, se eles têm um poder grande demais. Nasce daí uma conversa-

ção plausível, às vezes atenuada por belas tiradas conversacionais que envolvem Platão, Aristóteles, Spêusipos, Xenocrates e teofrasto.

É o suficiente para que tome forma uma representação elegante e plausível da escola de Platão e de seus expoentes em torno do ano de 450 a. C., um momento particularmente significativo da tradição filosófica ocidental, da qual seria difícil traçar um rápido e convincente perfil. O resultado, no final das contas, é instrutivo. O leitor lê o livro com gosto, e este merece não só ser lido por curiosidade, mas também indicado, apresentado, adotado e, talvez, recitado pelos jovens do segundo grau, que assim certamente conseguirão memorizar os personagens, que de outro modo correm o sério risco de se tornarem excessivamente efêmeros. O professor Berti surpreendeu-nos agradavelmente e deu-nos mais do que acreditávamos poder esperar de um projeto editorial tão bizarro.

Em relação ao professor Berti, o professor Vegetti ousa ainda mais, porque começa com um Sócrates que, tendo acabado de contar a obra que conhecemos como a *República* de Platão, continua dizendo: “Eu acreditava, à esta altura, deter finalmente terminado a longa viagem no diálogo que nos tinha levado daqui embaixo lá para cima, da noite do Pireu para a luz da ‘bela cidade’ e para os prêmios que esperam o homem justo neste e no outro mundo. O primeiro claror da auro-ra já tocava levemente os pórticos...” E eis o imprevisto: na sala agita o jovem Trasímacos, um estrangeiro rude e barbado com a voz potente, que quer falar e principia assim: “Mas que fábulas contas, Sócrates? Antes dizias que era necessário

HYPNOS

proibir as amas de aterrorizarem as crianças com histórias do Orco e do homem negro, e agora tentas assustar os adultos com estas tuas fábulas ... conversas sobre o além, viagens da alma e os julgamentos de Minos?”

O estrangeiro insiste para que Sócrates volte ao tema da política e começa a apresentar suas ressalvas em relação ao comunismo da *República*, que ele julga pouco radical, pois o Sócrates da *República* apenas delineou uma cidade de súditos, aliás, pouco asseguradora. E eis que o discurso adquire logo um inesperado aspecto de plausibilidade, como se o diálogo conhecido por nós continuasse em um undécimo livro, lançando e discutindo algumas idéias novas, com Trasímacos que tenta intrometer-se e Sócrates que acha um modo de objetar algo a Marx: os filósofos socrático-platônicos são muito diferentes da classe (dos proletários) que tem consciência de si e toma o poder em nome do povo e no interesse deste? O que deste modo chega a tomar forma, é um estimulante confronto longínquo, que o leitor atento tem motivos para não descartar apressadamente. Temos aqui de novo uma bela provocação para desenvolver pensamentos sobre uma aproximação sem dúvida ousada, mas natural e aceitável.

Estamos diante de duas felizes invenções, além de uma leitura ágil, que a meu ver valeria realmente a pena apresentar aos estudantes do segundo grau e em outros contextos comparáveis. Torna-se secundário, sob esta ótica, que a obra de Berti nos proponha um diálogo em que Aristóteles aparece como autor, personagem, protagonista e intelectual líder do diálogo (certamente está bem assim!); ou que Vegetti se divirta escrevendo notas nas quais embaralha os dados editoriais conhecidos, como por exemplo quando escreve: “Cfr. sobre este tema S. PASTALDI-GAMBESE, *Bendide*, in M. Vecchietti (organizador), *Platão, República*, Livro I, Francopolis, Nápoles, 1968, pp. 6372-7277” , aludindo a um artigo de Silvia Campese e Silvia Gastaldi incluído no primeiro volume do grande comentário dirigido pelo próprio Vegetti e publicado pela Bibliopolis. Este é um divertimento paralelo, muito agradável para quem teve a honra de ser mencionado em um código deste tipo. O que conta de fato é o lado cativante dessas duas falsificações que verdadeiramente são obras “de autor”.

Livio Rossetti (Univ. Perugia, Itália)
(rossetti@unipg.it)

tradução do italiano de Renato Ambrósio
(titol@ajato.com.br)